

## **Irigar grãos no Nordeste é burrice econômica**

Com a falta de energia elétrica para livre bombeamento da água de rios, açudes ou de poços, percebeu-se que a “água” não era gratuita, mas que tinha um preço resultante do seu bombeamento.

Isto gerou a redução do seu consumo - seja pela substituição de equipamentos obsoletos por outros mais modernos, seja pela substituição de cultivos por outros menos exigentes de água.

Foi possível assim, produzir atendendo-se às condições de viabilidade econômica impostas pelo agronegócio. O apagão estimulou a se pensar em termos de produtividade e de otimização de processos de abastecimento nas cidades, da irrigação e do reúso da água nas indústrias, ou de gestão das demandas.

Um dos exemplos mais contundentes diz respeito à irrigação no Nordeste semi-árido do Brasil.

Ficou patente a necessidade de se buscar produzir cada vez mais com cada vez menos água, à medida que fornecer livremente água à cultura ou utilizar métodos de irrigação pouco eficientes significava maior consumo de energia de bombeamento e, conseqüentemente, custos que inviabilizam a produção gerada.

O agro negócio de culturas irrigadas no Nordeste indica, por exemplo, que o consumo de água da irrigação das frutas varia entre 4.000 m<sup>3</sup>/ha/ano (manga e abacaxi) e 11.762 m<sup>3</sup>/ha/ano (banana), porém, em termos de eficiência econômica de US\$/m<sup>3</sup>; de água utilizado, o cultivo de abacaxi proporciona US\$ 1,50, enquanto a manga US\$ 3,0.

Verificou-se que irrigar grãos (arroz, feijão, milho e soja) no Nordeste significava atender demandas de água entre 21.000 (m<sup>3</sup>/ha/ano) para arroz e 8.000 (m<sup>3</sup>/ha/ano) para feijão, enquanto as eficiências econômicas (US\$/m<sup>3</sup> de água) são das mais baixas, ou seja, de apenas US\$ 0,01 (arroz), US\$ 0,20 (feijão) e US\$ 0,04 (milho).

A cultura tradicional da Cana de Açúcar consome cerca de 16.000 m<sup>3</sup>/ha/ano e a sua eficiência econômica é de apenas de US\$ 0,13/m<sup>3</sup> de água (Banco do Nordeste, 1999).

Ficou evidente que irrigar no Nordeste poderá ser uma atividade econômica altamente rentável, desde que o consumo de água fique inferior a 7.000 m<sup>3</sup>/ha/ano e produza algo com preço competitivo no mercado.

Esta situação poderá ser alcançada à medida que se busque otimizar o uso da “água gratuita”.

Irigar grãos no Nordeste, sobretudo, arroz, não é somente um **crime ambiental**, mas também uma **burrice econômica**.

A falta de energia elétrica para bombeamento da água em quantidade suficiente para irrigar arroz, colocou a Associação de Usuários de Iguatú (CE) na lista dos inadimplentes da empresa de distribuição de energia elétrica.

A saída encontrada foi substituir a irrigação de arroz pela de frutíferas.

Além disso, teve-se uma redução no consumo de água de 5 m<sup>3</sup>/s, vazão suficiente para abastecer de forma racional uma cidade do porte de Fortaleza (ANA, 2001).

**Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental**  
[rocha@mdbrasil.com.br](mailto:rocha@mdbrasil.com.br) – [www.outorga.com.br](http://www.outorga.com.br) – [www.rochaoutorga.hpg.com.br](http://www.rochaoutorga.hpg.com.br)